

Parecia um Conselho Universitário tranquilo, sem muitas polêmicas, mas quando aproximava-se o final da sessão, o conselheiro Vidal Serrano, representante da Fundação São Paulo, levantou a questão de se chamar uma reunião extraordinária em razão da carta do cardeal Dom Odilo Scherer ao reitor instaurando o processo eleitoral. Segundo o professor Vidal, o Grão-Chanceler da PUC-SP pedia em sua carta que a lista tríplice, com os nomes dos três mais votados na eleição para reitor, fosse entregue até o dia 15/8.

Essa fala provocou profunda irritação ao reitor Dirceu de Mello que acusou o conselheiro de violação de correspondência, visto que a comunicação foi feita em caráter privado ao reitor. O conselheiro justificou-se alegando que, como representante da Fundação São Paulo, ele teria acesso ao documento.

O incidente provocou grande mal-estar no Conselho, tendo o professor Dirceu de Mello encerrado os trabalhos sem discutir os encaminhamentos para uma nova sessão.

Por outro lado, o reitor informou também dois outros polêmicos posicionamentos do cardeal. Questionado pelos conselheiros sobre possíveis alterações no regimento e no estatuto de parágrafos contraditórios, o cardeal afirmou que os textos foram implantados em caráter experimental e só poderão sofrer alterações a partir de 2013. Já com respeito à modificação do percentual de mensalidades para 2012 (o Consun aprovou

CARDEAL QUER LISTA TRÍPLICE ATÉ 15 DE AGOSTO

9% e o Conselho Superior da Fundação mudou para 10%), Dom Odilo explicou que a aprovação do orçamento da universidade e de prerrogativa do Conselho Superior da Fundação que pode mantê-lo ou modificá-lo.

COGEE E VESTIBULAR

Outros assuntos que compuseram a pauta foram uma avaliação da Coordenação

Geral de Aperfeiçoamento e Extensão, Cogee e as vagas para o vestibular de Inverno.

Quanto à Cogee, o coordenador professor Luiz Guilherme Conci apresentou uma série de dados que traçaram um perfil da atual fase da Coordenação. Esses dados mostram um avanço significativo dos cursos de Extensão, enquanto que os cursos de Especialização sofreram um declínio, principal-

mente a partir do segundo semestre de 2011.

Estes dados serviram para o professor Luiz Guilherme afirmar que vivemos um momento da extensão, em boa parte por falta de investimentos das empresas que matriculam seus funcionários nos cursos da Cogee e que, no momento, preferem opções de mais curto prazo.

A professora Haydeé Roverati, pró-reitora de Educação Continuada, ressaltou os pontos positivos e negativos da Coordenação, lembrando que academicamente mantém um nível de excelência invejável, mas que a avaliação cai muito quando se toma como critérios outras questões, principalmente as administrativas e a infraestrutura tecnológica. Para a professora o espaço destinado à Coordenação na Avenida Consolação merece severas críticas.

Já com respeito às vagas para o vestibular de Inverno da PUC-SP as vagas propostas pela coordenadora do Vestibular Ana Zillochi e pela pró-reitora de graduação Marina Feldmann, foram aprovadas integralmente após um breve debate.

Tribunal Popular da Terra condena Estado brasileiro

Página 7



Platéia presente ao Tribunal Popular da Terra

EDITORIAL

Mais uma vez, autonomia universitária ameaçada

O episódio ocorrido no Conselho Universitário de 25/4, quando o conselheiro Vidal Serrano, representante da Fundação São Paulo, apresentou o conteúdo da carta de Dom Odilo Scherer dirigida a Dirceu de Mello instaurando o processo eleitoral, longe de representar somente uma possível violação de correspondência, como afirmou nervoso o reitor, demonstra de maneira inequívoca a interferência da Igreja sobre a PUC-SP.

Até a eleição da professora Maura Vêras, embora estatutariamente vigisse a sombra da lista tríplice, da qual o cardeal pode escolher entre nomes menos votados, todos sabiam que a democracia universitária prevaleceria e a confirmação da Igreja seria líqüida e certa.

Porém este cenário começa a modificar-se a partir da eleição do professor Dirceu de Mello, quando, durante algumas semanas, não se tinha a certeza da confirmação do nome do novo reitor pelo cardeal.

Hoje o discurso de que a eleição de um candidato menos votado "faz parte das regras do jogo" é ouvido pelos corredores da universidade e, mais do que isso, a Igreja arvora-se ao direito de definir o andamento do processo eleitoral. É bom lembrar que, na última eleição para reitor, o prazo foi dilatado por vontade expressa da comunidade, que entendeu como precário o debate existente até às vésperas da eleição. No entanto, hoje, segundo o relato do professor Vidal Serrano, a lista tríplice terá que estar composta impreterivelmente até o dia 15/8.

Esta ingerência se soma a tantas outras que aconteceram nos últimos anos como a imposição de normas no Estatuto e Regimento da universidade sem a concordância de profes-

res, funcionários e estudantes. A implantação do Conselho de Administração, Consad, representou um duro golpe para a autonomia universitária, que hoje vê suas decisões atreladas à anuência dos dois secretários da Fundação São Paulo, que podem anular o voto do reitor nas principais decisões. Questões como a maximização dos contratos de trabalho, o valor das mensalidades, salários de professores e funcionários, não dependem mais unicamente da discussão interna, mas passam pela vontade do cardeal, representada pelos seus secretários-executivos.

Esse processo não é exclusivo da PUC-SP: a PUC do Peru também sofre a interferência do cardeal arcebispo de Lima que exige que a universidade se molde às normas da Igreja, determinadas pela constituição apostólica Ex-Corde Ecclesiae, caso contrário ela perderia o seu estatuto de Pontifícia e todo o seu patrimônio.

De forma semelhante os ataques acontecem aqui no Brasil, quando o bispo de Guarulhos Dom Luiz Bergonzini investe contra professores da PUC-SP que se posicionam de maneira diversa àquela proposta pela Igreja.

Por tudo isso se torna evidente mais uma ofensiva da Igreja contra a PUC-SP. É mais do que hora de manifestarmos para que os avanços democráticos que foram conseguidos a muito custo pelos professores, funcionários e estudantes desta universidade não viem letra morta.

É bom lembrar que 2012 marca 20 anos do movimento PUCviva, que impediu a intervenção da Fundação São Paulo em 1992, história que hoje quer se repetir. Será como farsa?

Diretoria da APROPUC



MARINA D'AQUINO

Da esquerda para a direita, Pedro Telles, Flávia de Campos Mello e Wagner Ribeiro discutem governança ambiental

Série de palestras debate o papel da Rio+20

Começou na quinta-feira, 26/4, o ciclo de debates promovido pelo departamento de pós graduação em Geografia da PUC-SP sobre a Rio+20, evento que ocorrerá em junho na cidade do Rio de Janeiro.

O primeiro debate paudou a crise e a reforma da governança ambiental global, e contou com a presença de Pedro Telles, do Instituto Vitae Civilis, e de Wagner Ribeiro, professor da USP.

Ribeiro começou o debate contextualizando o surgimento da discussão sobre meio ambiente na Organização das Nações Unidas, colocando em pauta a situação de diversos países pós-Guerra Fria e ditaduras na América do Sul. Explicou também como aconteceu a Eco92

em tal conjuntura, e suas principais discussões, que deram origem a vários documentos importantes - como a Agenda 21, a Carta da Terra e as Convenções do Clima e da Diversidade Biológica. Já Telles, por sua vez, paudou sua fala principalmente em cima do termo "governança" e qual o motivo do termo ser utilizado para se falar de sustentabilidade, mesmo com sua origem neoliberal.

A Rio+20 ocorrerá 20 anos após a Eco92, que também ocorreu na cidade fluminense. Conhecido também por Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20 trará novamente o debate sobre sustentabilidade proposto pela ONU.

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira 407 - CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua João Ramalho 182, 7º andar - Fone: 3670-3391.

PUCViva: 3670-3391 - **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br - **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Roberto de Oliveira, Marina D'Aquino e Anna Gabriela Coelho

Fotografia: Marina D'Aquino

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Priscilla Cornalbas e Victória C. Weischardt

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

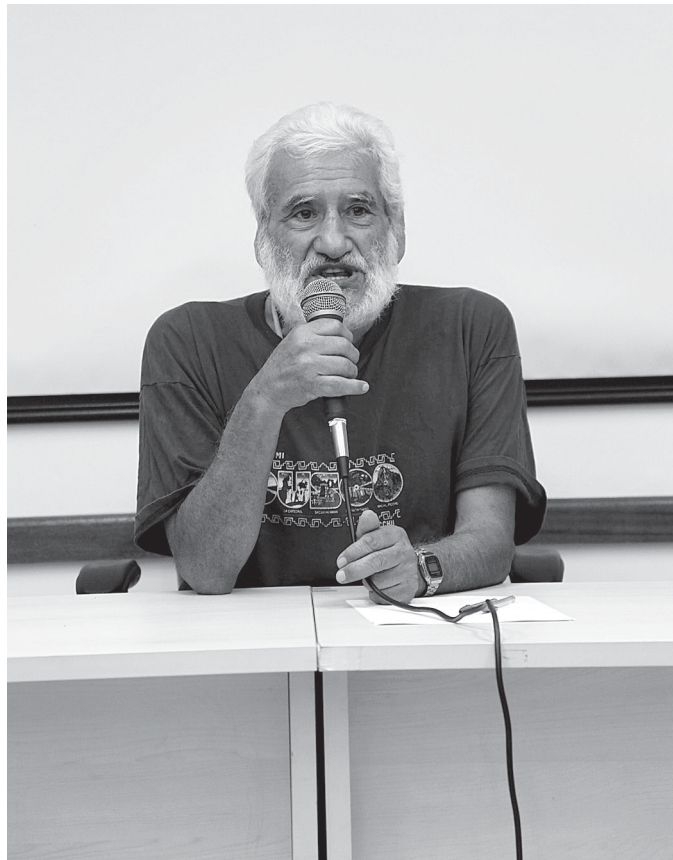
Hugo Blanco fala sobre lutas do passado e desafios do futuro

"O mais índio dos índios latino-americanos, embora meio-índio" - nas palavras de Eduardo Galeano -, esteve na APROPUC no dia 23/4 para falar da luta indígena no Peru e sobre a questão ambiental no mundo. Hugo Blanco, mestiço espanhol com quíchua, povo originário do Peru, viveu intensamente as lutas desenvolvidas em território latino-americano durante o século XX.

Hugo estudou na Argentina na década de 50, quando entrou em contato com o movimento trotskista, viajou exilado ao México, onde acompanhou o levante zapatista em Chiapas em 1994. Foi eleito constituinte e senador peruano no processo de redemocratização do país e organizou a resistência indígena na América Latina.

TERRA OU MORTE

"Quando os europeus aqui chegaram, a terra não pertencia ao povo, mas o povo pertencia a terra", lembrou o peruano falando da luta dos antepassados. Sob o lema "terra ou morte", o ecossocialista Hugo Blanco, líder da Federação Campesina do Peru eleito em assembleia, coordenou o processo de defesa armada de terras tradicionalmente ocupadas pela agricultura indígena e familiar. E falou sobre os meios escolhidos para peleja. "A luta armada não foi nos moldes da guerrilha



Hugo Blanco durante sua fala na APROPUC

clássica, na qual um grupo se isola e se prepara para derrubar o Estado. Nós organizamos abertamente os índios por assembleia e decidimos que não perderíamos mais terras que eram nossas para o agronegócio e para as transnacionais, por isso pegamos em armas. E assim foi, pois quando o povo decide, o povo tem que fazer!", declarou.

EXPLORAÇÃO AMBIENTAL

Mas se o mote da luta na América Latina era "terra ou morte", neste início de século os grandes desafios sociais se constituem em relação à exploração ambiental. Tanto que o pe-

ruano cravou a água como principal alvo da exploração capitalista e do imperialismo no século XXI: "agora é água ou morte". Falando sobre esta luta em seu país, ele colocou que a principal mobilização hoje é contra o projeto Conga (projeto infraestrutural neodesenvolvimentista semelhante ao PAC), que utilizará as bacias aquíferas montanhosas e subterrâneas do Peru para exploração de minérios. Embora os povos originários das terras não tenham sido consultados, direito que consta na Organização Internacional do Trabalho (OIT). Segundo ele, o projeto irá contaminar e privatizar o solo peruano, em detrimento das populações locais.

MARINA DAQUINO

Neste ano, uma marcha das águas atravessou o Peru a fim de mobilizar a população contra o projeto. "Fomos calorosamente recebidos por todo país, que será afetado seja pela mineração e contaminação das águas, seja pela exploração do agronegócio", relatou o militante.

CÚPULA DOS POVOS

Questionado pelo *PUCviva* sobre as expectativas para o RIO+20, o peruano apostou na Cúpula dos Povos, reunião de movimentos sociais paralela à conferência das Nações Unidas, para refutar o avanço do capital, com sua mais nova maquiagem sustentável, em direção à exploração do meio ambiente e à mercantilização dos meios naturais.

"A exportação das riquezas da Amazônia, por exemplo, afeta tanto o Brasil quanto o Peru", finalizou Hugo Blanco dizendo que enxerga com otimismo os novos movimentos globais, como 15-O e o Occupy, que têm ganhado as ruas do mundo.

Hugo Blanco veio ao Brasil para participar como jurado do Tribunal Popular da Terra, que se realizou entre os dias 20 e 22/4, na zona sul de São Paulo. O encontro de segunda-feira, 23/4, foi promovido pelo Centro de Estudos de História da América-Latina (CEHAL) e Núcleo de História: Trabalho, Ideologia e Poder (NETHIPO) e contou com o apoio da APROPUC.

FALA COMUNIDADE

Carta dos estudantes de Jornalismo e Multimeios ao reitor Dirceu de Mello

Quando pensamos em PUC-SP, ou melhor, quando vocês, a administração desta universidade, pensam nela, a primeira palavra que vem em suas mentes provavelmente deve ser orgulho. Entretanto, para a grande maioria da comunidade acadêmica, a palavra que hoje fica é displicência. Nesse sentido, nós, estudantes de Jornalismo e Multimeios, estamos por meio desta ocupação perguntando ao senhor reitor e a FUNDASP, o que vossas senhorias entendem por educação.

A universidade deve ser construída por e para a sociedade, de modo que, não aqueles que se mostram a serviço de uma lógica mercantil do ensino que devem moldá-la, mas sim aqueles que verdadeiramente devem ser sujeitos dessa construção. Afinal, que educação é essa que precariza o trabalho dos professores através da maximização de seus contratos e subsequentemente da inviabilização de uma pesquisa de qualidade feita por estes; que lança aumentos abusivos e recorrentes das mensalidades, fa-

zendo com que 86% da juventude não tenha acesso à educação; que educação é essa que não garante infraestrutura para o devido funcionamento das atividades acadêmicas, fechando uma faculdade inteira, a FAFI-CLA, sem nem ao menos ter para onde realocá-la em sua completude; a serviço de quem se fecha diversas turmas e cursos não lucrativos e se terceiriza e explora os trabalhadores; pensando em quem se cerceia a liberdade de expressão, pesquisa e cátedra dentro desta universidade; para quem o projeto atual da PUC-SP está sendo construído? Duvidamos muito que seja para nós.

Assim, visto essa situação de indiferença absoluta com a principal função de uma universidade, ou seja, oferecer um ensino de qualidade, universal, presencial, para todos e todas, laico e socialmente referenciado, exigimos uma audiência pública com a administração da PUC-SP como um todo - reitoria e FUNDASP - para que em nossa frente seja dito para quem esta universidade está a serviço,

desejamos que de forma clara seja dito isto, para que enfim possamos saber com quem estamos lidando.

E é somente por estarmos ocupando, nos apropriando de um espaço que é nosso por direito, que podemos realizar esta exigência, pois apenas quando os estudantes se organizam num espaço autônomo de convívio, debate e reflexão crítica sobre o meio em que nós estamos inseridos é que podemos de fato lutar por uma educação que contemple nossas reais demandas e as de toda a sociedade. Precisamos de um espaço que seja referência física e de reunião crítica, ou seja, dentro da PUC-SP e de acesso a todos e a qualquer momento. Portanto, e entendendo que vocês não podem atender as demandas para a construção de um ensino que de fato nos contemple, requisitamos uma resposta oficial, definitiva e direta de para onde irá nosso centro acadêmico e que seja dada em audiência pública, pois não aceitaremos mais diálogos com instâncias burocráticas, queremos

que toda a comunidade puquiiana perceba este descaso sobre o qual estamos falando. Estamos há três dias ocupados e queremos essa resposta hoje, quinta-feira, dia 19 de abril de 2012, até 18h. Caso contrário, a outra Ouvidoria burocrática da PUC-SP será definitivamente o Centro Acadêmico Benevides Paixão e assim, neste momento mais que nunca, toda a comunidade puquiiana poderá ser ouvida e mais que isso, terá voz e apoio para lutar pelo que acredita.

Chega de descaso e displicência, chega de cerceamento de nossa liberdade, queremos ser protagonistas da construção desse ensino. E saibam: quem fecha os ouvidos para a educação, percebe hora ou outra, que o grito de indignação daqueles que lutam por seus direitos transpõe barreiras antes intransponíveis. Algumas ações parecem afinal impossíveis, até que se tornam inevitáveis!

Corpo estudantil dos cursos de Jornalismo e Multimeios

Consad decide a favor dos estudantes de Direito

A reunião do Conselho de Administração da última quinta-feira tomou uma decisão favorável aos estudantes do 5º ano de Direito ao definir que as monografias deverão ser entregues até o dia 12/10, e não durante o mês de junho, como afirmava um dos últimos informes da direção da faculdade aos alunos. Os conselheiros,

no entanto, votaram que a remuneração dos professores por mais um semestre seria discutida internamente.

Outra pauta discutida no Consad foi a proposta de uma nova política de contratação docente, feita pela comissão do Conselho Universitário ao Conselho de Administração. O reitor e os conselheiros indicaram

que a pauta será discutida em reunião com representantes da comissão e também da administração da universidade.

JORNALISMO

Os estudantes do curso de Jornalismo compareceram ao Consad para entregar uma carta aos secretários executivos da Fundação São Paulo, Pe. João

Júlio Farias Jr. e Pe. Rodolpho Perazzolo, pedindo que estes participassem da audiência pública que foi proposta pelo Centro Acadêmico Benevides Paixão e que o reitor, Dirceu de Mello, já declarou que participará. Os secretários, contudo, pediram que os estudantes protocolassem a carta para então receberem uma resposta.

"A crise global revigorou o marxismo"

O sueco Göran Therborn, professor emérito de sociologia da Universidade de Cambridge, percorreu o Brasil, de Porto Alegre a Belém, passando por São Paulo, para lançar "Do Marxismo ao Pós-marxismo?", seu segundo livro traduzido no país. Abaixo transcrevemos a entrevista a Carla Rodrigues

"Marx será relido e reinterpretado ainda muitas vezes no futuro. O que é duvidoso é se haverá uma identidade coletiva para os marxistas". Desde que o prefixo "pós" se antepôs a todas as categorias do pensamento contemporâneo, ainda nos anos 1950, houve uma expansão intensa do seu uso.

Do pós-moderno nas artes plásticas à pós-modernidade como generalização de todos os pensamentos que pretenderam, ao longo do século XX, superar os conceitos modernos, foi um salto de poucos anos e muitas denominações. Pós-estruturalista, pós-humano, pós-gênero, pós-feminista, pós-capitalista - era como se o "pós" pudesse revigorar de conteúdo conceitos que pareciam estar ultrapassados em suas principais características. Uma vez revistos e atualizados pela mágica do "pós", esses conceitos retomam seu lugar de valor para o pensamento.

Embora reconheça certa inflação no uso do "pós", o sueco Göran Therborn, 70 anos, professor emérito de sociologia da Universidade de Cambridge, quis se valer dele como estratégia para apontar o frescor do pensamento marxista, tão em voga no período pós-crise americana de 2008.

Na semana passada, ele percorreu o Brasil, de Porto Alegre a Belém, passando por São Paulo, para lançar "Do Marxismo ao Pós-marxismo?" (Boitempo Editorial), seu segundo livro tradu-

zido no país. Admirador das ciências sociais no Brasil, Therborn é um entusiasta dos movimentos sociais da América do Sul, que embalam seu ideal de que "outro mundo é possível". "Um cientista social progressista hoje tem poucas razões para chorar", diz ele na entrevista a seguir:

Pergunta: A globalização, o neoliberalismo e todas essas transformações que se generalizam no termo pós-modernidade podem ser pensados ainda a partir de Marx? O que há de atual nesse pensador alemão do século XIX que possa ser útil aos grandes dilemas do século XXI?

Göran Therborn: Primeiro, é preciso fazer algumas classificações. A globalização é o voo da modernidade, e o neoliberalismo é uma variante da modernidade de direita. Em outras palavras, temos aqui mutações do modernismo e da modernidade, e não a pós-modernidade. Sobre a globalização, estamos no mesmo terreno que Marx, o primeiro grande teórico social da modernidade contemporânea, como foi Baudelaire no que diz respeito à pintura e à poesia. O "Manifesto Comunista" foi a primeira inovação mais eloquente da globalização. Por isso, Marx foi recentemente ressuscitado, por exemplo, por Thomas Friedman, do "New York Times". O economista Nouriel Roubini, que previu a crise de 2008, reconheceu a importância de Marx como o principal analista da dialética e das contradições do capitalismo. O capitalismo é autodestrutivo - e digo isso sem qualquer tom apocalíptico -, e a expansão dos baixos salários é insustentável, como Taiwan e Hong Kong estão aprendendo agora.

P: "Do Marxismo ao pós-marxismo?" é um título estranho para um livro. Primeiro, porque faz uma interrogação que fica sem

resposta. Depois, porque introduz no vocabulário da pós-modernidade o pós-marxismo como um conceito. Trata-se, afinal, de uma superação, de um avanço ou de um progresso do marxismo?

GT: O ponto de interrogação do título se refere a um futuro em aberto, ainda incerto. Comparado com Confúcio, Platão, Aristóteles, Maquiavel, John Locke, Adam Smith, ou com Dante, Cervantes e Shakespeare, Marx ainda é jovem. Ele será relido, reinterpretado e reinocado ainda muitas vezes no futuro. O que é duvidoso é se haverá uma identidade coletiva para "os marxistas". Daí o ponto de interrogação. Para Marx, isso não significava muito. Como ele afirmou, numa provocação: "Eu não sou marxista".

P: Pós-marxismo, pós-capitalismo, pós-feminismo, pós-modernismo, pós-humanismo. O prefixo pós virou uma panaceia?

GT: Você está certa, houve uma inflação muito grande deste prefixo "pós". No entanto, o impulso intelectual pós-modernista era extremamente desafiador e importante, com suas investigações sobre as suposições mais básicas do nosso tempo - de "progresso", "desenvolvimento" etc. São questionamentos que têm sido muito frutíferos para fins políticos, bem como para um autoquestionamento intelectual.

P: O senhor cita a Universidade de São Paulo (USP) como referência para o não conformismo ao pensamento dominante e como suporte ao pensamento marxista de esquerda. O senhor está atualizado sobre a produção acadêmica brasileira neste sentido? Em que um país periférico como o Brasil pode contribuir para o desenvolvimento de teorias alternativas?

GT: Tenho um grande respeito pelas ciências sociais brasi-

leiras, que conheço um pouco, não só da USP, mas também de outras universidades e do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Eu acredito que a academia e a inteligência brasileiras certamente têm contribuições muito importantes intelectuais para o mundo.

P: "Sexo e Poder", seu primeiro livro traduzido no Brasil, discute as mudanças na instituição familiar em todo o mundo no século XX. Em que medida a mudança na família também alterou o modo de produção para o qual a crítica de Marx se dirigia?

GT: A família e os diferentes sistemas familiares no mundo inteiro continuam a ser importantes. Como mostrei em meu último livro, "The World" (Cambridge, 2011), menos da metade da força de trabalho mundial está empregada numa relação direta capital/trabalho. Um terço da mão de obra é formado por trabalhadores por conta própria, um sexto são membros da família patriarcal ajudando nas atividades econômicas, e de 5% a 10% estão em empregos públicos.

P: Ou seja, o fim do emprego industrial, que já não concentra mais a maioria da classe trabalhadora. É a isso que o senhor atribui o que chama de "fracassos e derrotas da esquerda"?

GT: Sim, a teoria de Marx se concentra nos circuitos do capital, inclusive nos mercados transnacionais. Mas é verdade, um desenvolvimento não ideológico das ideias de Marx tende a destacar que a virada do capitalismo avançado em direção à desindustrialização significou um enfraquecimento estrutural do trabalho e, conse-

continuação da
página anterior

MOVIMENTOS SOCIAIS

MTST realiza ocupação no Distrito Federal

quentemente, da esquerda.

P: O senhor se refere ao "encontro malsucedido entre os manifestantes do mítico maio de 1968 e os movimentos trabalhistas". O que deu errado neste encontro?

GT: Basicamente, foi um não-encontro entre a utopia radical do movimento estudantil, do pragmatismo, por mais de esquerda que fosse, e do movimento sindical. Na melhor das circunstâncias, houve um longo período de contato entre o pragmatismo trabalhista de Lula, que se transformou, sem renegá-lo, no radicalismo de Dilma.

P: O senhor diz estar interessado nos "movimentos críticos ao modernismo que não são, contudo, defesas de direita do privilégio e do poder tradicionais". Que movimentos são estes? O tom geral do seu livro é de apelo a uma renovação no pensamento da esquerda. O senhor é um otimista?

GT: Os movimentos de direitos humanos, os movimentos feministas, movimentos das crianças, movimentos homossexuais, movimentos urbanos, movimentos de direitos de sustentabilidade. Há certamente sinais de despertar crítico. A "Primavera Árabe" colocou o capitalismo oligárquico em xeque, mesmo que se abram fluxos internacionais de comércio e capital. A América do Sul, exceto Chile e Colômbia, é um laboratório de transformação social. E a direita no Chile está sob forte pressão popular, dos movimentos estudantis e suas repercussões sociais. Um cientista social progressista hoje tem poucas razões para chorar, mesmo que o mundo permaneça sendo terrivelmente desigual. Outro mundo continua sendo possível.

Livro: "Do Marxismo ao Pós-marxismo?"; Göran Therborn. São Paulo, Boitempo Editorial, 160 págs. R\$ 39,00.

Fontes: Valor Econômico; http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=181204&id_secao=11

No dia do aniversário da capital federal, 21/4, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) ocupou o prédio da Companhia Imobiliária de Brasília (Terracap), em Ceilândia (DF). Desde o ano passado o MTST negociava com o governo do Distrito Federal moradia para cerca de 300 famílias desabrigadas e 400 bolsas-aluguel até que as casas estivessem prontas. Após dois meses o governo suspendeu o pagamento das bolsas, o que teria revoltado os sem teto.

A construção imediata de casas definitivas para as famílias ocupadas, em especial para o acampamento Nova Planaltina, e o fim dos despejos ilegais no DF estão na pauta de

reivindicações da ocupação Novo Pinheirinho - alcunha dada pelo movimento em memória aos moradores removidos em janeiro desse ano pelo governo do estado de São Paulo de área historicamente ocupada na cidade de São José dos Campos.

EM SÃO PAULO

No dia 24/4, o MTST fechou a Secretaria de Habitação do Estado durante quatro horas e parou o centro da capital paulista. Com isso, o movimento exigiu o cumprimento de acordos firmados anteriormente com o governo e a negociação de novas moradias para os sem teto.

O secretário de habitação Silvio Torres recebeu

a comissão de negociação do movimento e acordou a entrega dos 550 apartamentos prometidos ao MTST em Itapeverica da Serra, o auxílio às 65 famílias mais vulneráveis da ocupação Chico Mendes e a liberação de linha de 100 cartas de crédito para o movimento. Torres garantiu também prioridade no trato às novas ocupações de Novo Pinheirinho de Embu e Santo André.

Em carta, o movimento afirma que caso os acordos feitos com o governo estadual não sejam cumpridos novamente eles intensificarão as lutas e ocupações. O déficit habitacional no Brasil, segundo o próprio Governo Federal, gira hoje em torno de 400 mil moradias.

Novo movimento pela reforma agrária surge na Colômbia

Aproximadamente 1.700 organizações da sociedade civil colombiana foram às ruas da capital na quarta-feira, 25/4, para oficializar a criação de um novo movimento de esquerda que tem como principais reivindicações a reforma agrária e o fim do conflito armado - a Marcha Patriótica.

Cerca de 80 mil pessoas, em sua maioria famílias de camponeses, indígenas e estudantes foram a Bogotá para participar da Marcha.

Segundo informações do próprio movimento, que defende, além da reforma agrária, a nacionalização de recursos, a distribuição da riqueza e a paz no campo, a Marcha é uma alternativa política e social apresentada pela sociedade colombiana ao modelo neoliberal. Além de colombianos, participaram da Marcha 100 representantes de movimentos sociais de outros países, como Argentina, Bélgica, Canadá, Chile, Cuba, Grécia, Estados Unidos, Espanha e Brasil.

A ideia de um movimento pacifista em defesa da terra, alternativo tanto às Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia quanto à esquerda institucional que surgiu há dois anos, em 2010, data da comemoração do bicentenário da Independência da Colômbia. Pois, ainda conforme o movimento, os camponeses colombianos querem paz, terra e trabalho, e não conseguem viver mais sob a constante ameaça de conflitos armados no campo.

Tribunal Popular condena Estado por genocídio, ecocídio e etnocídio

O Sacolão das Artes, galpão para vivência comunitária no Parque Santo Antonio, zona sul de São Paulo, recebeu movimentos sociais do Brasil e da América Latina para realização do Tribunal Popular da Terra, que no período de 20 a 22 do mês passado condenou o Estado brasileiro por ecocídio, genocídio e etnocídio.

Nações indígenas latino-americanas, como os Mapuche do Chile, os Tupinambás da Bahia e os Guaranis Kaiowá do Mato Grosso do Sul, o Comitê Popular da Copa de Fortaleza/CE, moradores da comunidade removida Pinheirinho, militantes do MST e militantes contra construção da hidrelétrica de Belo Monte, entre eles Osmarino Amâncio, seringueiro contemporâneo de Chico Mendes, participaram de sessões de instrução ao julgamento final nos dois primeiros dias do tribunal. Quando o Estado brasileiro foi colocado no banco dos réus seja pela omissão seja pela violação de direitos - como à moradia e à vida.

Declarada legítima a sessão final do julgamento - que contou com mais de 700 presentes e foi transmitida ao vivo pela rádio e internet no dia do descobrimento do Brasil - em função do seu caráter popular pelo Dr. José Henrique Torres, presidente da Associação dos Juizes Pela Democracia (AJD), o advogado Renato Roseno iniciou sua acusação saudando os movimentos sociais e sistematizando caso a caso que havia sido denunciado naquela tribuna. O acusador tachou de genocida, ecocida e etnocida o Estado brasileiro, que segundo ele está nas



Acima, à esquerda, a mesa composta pelos advogados de defesa e acusação do Estado, na última sessão do Tribunal Popular; ao lado Lúcia Skromov pinta o mural comemorativo do evento. Abaixo, à esquerda, o canto Tupinambá, após a sessão que julgou o caso dos indígenas na Bahia; e ao lado, a representante Mapuche que compôs o júri popular

mãos da classe burguesa e capitalista. E que impõe a segregação sócio-espacial, causada pelo Estado de exceção proposto pela Fifa e aceito pelo governo nas obras da Copa, o extermínio e remoção das etnias tradicionais, dos povos da floresta e daqueles que lutam pela terra e moradia, e a lógica neodesenvolvimentista que tem destruído matas e águas.

JULGAR O PASSADO, PRESERVAR O FUTURO

Além de negar o direito à memória no que diz respeito aos crimes ocorridos na ditadura militar. "É preciso julgar o passado e o presente para preservar o futuro, por isso a importância deste júri e deste tribunal", disparou Roseno.

Já a defesa, feita pelo Dr. Luiz Cezar Macedo, iniciou sua exposição questionando ironicamente onde estava o réu e apontando que todas as acusações feitas eram justas,

embora direcionadas ao sujeito errado. Segundo Macedo, o Estado não pode ser julgado, pois é uma estrutura abstrata. Quem deveria estar no banco dos réus seriam seus agentes, públicos e privados, e seus governantes de todas as esferas do poder republicano. Lembrando Hans Kelsen, um paradigma da teoria pura do direito, o advogado de defesa afirmou que o "Estado é o direito e o direito é o Estado", portanto ao levar a cabo o pedido da acusação o júri estaria negando o conjunto de leis e direitos coletivos conquistados na Constituição Federal de 88. Com isso, o defensor propôs a condenação do governo, do BNDES, que financia o capital privado, do agronegócio, da especulação imobiliária, da mídia e dos donos do poder que se apropriam das estruturas estatais; mas não do Estado.

Após réplica da acusação, que tentou desmistificar a igualdade ente todos no Es-

tado Democrático de Direito liberal, e tréplica da defesa, os membros do júri vieram à tribuna para dar individualmente seu parecer. O militante peruano Hugo Blanco, a educadora popular sergipana Sônia Meire, a cacique Valdelice Tupinambá, o seringueiro acreano Osmarino Amâncio e a representante Mapuche Patrícia Trancoso, entre outros, deram seu apoio à luta popular e condenaram unanimemente o Estado brasileiro.

Assim, seguindo o relato do júri, veio ao povo nas palavras do juiz José Henrique Torres o veredito final: culpado pela violação e omissão de direitos humanos universais através da criminalização dos excluídos em nome de um Código Penal patrimonialista e neoliberal! Estado genocida, ecocida e etnocida, condenado a rever todos os direitos fundamentais retirados da população. E finalizou - "Que, pelas mãos do povo, seja cumprida sentença".

ROLA NA RAMPA

Sarau da APROPUC

Nesta sexta-feira, 4/5, a APROPUC realiza mais uma edição de seu Sarau mensal. Desta vez estarão se apresentando o grupo Encontro dos Músicos, formado por Gabriel Kolyaniak, Daniel Kolyaniak, Rômulo Alexis e Gustavo Benini e o Victor Vasconcelos Trio, com Victor Vas-

concelos, Thiago Alves e Jonatas Sansão. A APROPUC convida a comunidade para comparecer a mais este evento e participar junto com os músicos e poetas apresentando as suas produções artísticas, pois o Sarau é aberto à participação de todos.

Simpósio discute exclusão e inclusão na Deric

A Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação está organizando seu 5º Simpósio, que acontecerá nos dias 28 e 29/5 entre 8h e 18h no Tucarena. Com o tema Mecanismos de exclusão, estratégias de inclusão, o evento pretende debater formas atuais de abordagem da problemática da exclusão, promover discussões conceituais sobre o assunto (vis-

lumbrando novos caminhos e soluções inusitadas para a reflexão a respeito dos mecanismos de exclusão e seus efeitos sobre o homem), assim como aprofundar o entendimento e movimentar a reflexão sobre ações voltadas para a inclusão social, profissional, política e educacional no Brasil. Informações e inscrições no site do evento www.pucsp.br/simposioderic.

Jornalismo Cultural em pauta no TUCA

A *Revista Cult* promoverá entre os dias 28 a 31/5 o 4º Congresso Internacional Cult de Jornalismo Cultural. O evento acontecerá novamente no TUCA e prestará homenagem à arquiteta Lina Bo Bardi, reunindo nomes como o escritor norte-americano Gay Talese, a cineasta france-

sa Claire Denis, o dramaturgo alemão Moritz Rinke, o artista dos quadrinhos Art Spiegelman. Alunos da PUC-SP têm 50% de desconto na taxa de inscrição. Para informações e inscrições, acesse o site do evento www.espacorevistacult.com.br/congresso.

Alteração do salário no início do semestre começa em agosto

Conforme informamos na edição passada do *PUCviva*, os salários dos docentes passarão a ser pagos com os valores contratuais de cada período contados a partir do primeiro dia de fevereiro (1º semestre) e primeiro dia de agosto (2º

semestre). Porém, a Divisão de Recursos Humanos (DRH) informou que este procedimento só deverá ocorrer a partir do segundo semestre de 2012 e não a partir de fevereiro/2012, como noticiamos em nossa edição anterior.



MARINA DAQUINO

Andrea Oliva (esq) e Carolina Mamblona (dir) durante atividade na APROPUC

Professoras argentinas discutem marxismo e Serviço Social na APROPUC

O Núcleo de Estudos de Aprofundamento Marxista da Pós Graduação em Serviço Social (NEAM), coordenado pela professora Beatriz Abramides, promoveu na APROPUC na última quarta-feira, 25/4, um debate com as professoras Andrea Oliva, da Universidad de la Provincia de Buenos Aires, e Carolina Mamblona, da

Universidad de La Plata, sobre a influência do marxismo no Serviço Social na Argentina. As professoras contextualizaram o surgimento da profissão no país na década de 20, passando pelo Peronismo e a ditadura argentina, caracterizando, inclusive, algumas das organizações atuantes durante esses períodos.

CEHAL e NEHTIPO promovem debate sobre a Colômbia

O Centro de Estudos de História da América Latina, o Núcleo de Estudos de História: Trabalho, Ideologia e Poder, e o Departamento de Pós-graduação da PUC-SP convidam para um debate com o tema "Colômbia: o fator terra", no dia 2/5. O fator terra é um dos mais importantes processos de produção da economia em relação a seus recursos produtivos. O evento, que contará com a presença do professor, economista e

ativista colombiano Héctor Mondragón, autor dos livros *Los Ciclos Económicos en el Capitalismo* e *A estratégia do Império*, está marcado para as 9h. O debate faz parte da série de palestras Diálogos, sendo este o 15º encontro promovido, e ocorrerá na sede da APROPUC, na Rua Bartira, 407. Para mais informações, envie para histpos@pucsp.br ou pucviva.jornal@uol.com.br ou ligue para 3670-8511 ou 3872-2685.